

Carta Aberta de docentes negras e negros da Universidade de São Paulo

São Paulo, 11 de julho de 2022

Docentes negras e negros da Universidade de São Paulo reuniram-se em 10 de junho de 2022 para debater e construir pautas comuns que possam colaborar para minimizar os efeitos do racismo estrutural na USP, com enfoque fundamentalmente em ações voltadas para a(o)s professora(e)s.

Considerando o irrisório número de professoras e professores negros e negras no ambiente acadêmico, 125 em um total de mais de 5.531 mil (o que representa apenas 2,3% total de docentes), e tendo em vista uma ampliação das políticas de ações afirmativas em nossa universidade, reivindicamos, em primeiro lugar, a implantação de reserva de vagas para pessoas negras em concursos públicos para docentes.

As reservas de vagas para docentes já estão implantadas em diferentes universidades de distintas regiões do país e são o caminho menos lento para a inclusão de professoras e professores negros e negras em um espaço universitário extremamente desigual e ocupado em sua maioria por professores brancos. O racismo estrutural, sem contar o sexismo, é cada vez mais alarmante quando se observa a ocupação de cargos de gestão na reitoria, pró-reitorias e nas representações do conselho universitário.

Nesse sentido, em segundo lugar, também postulamos um incentivo à progressão na carreira docente, principalmente para as vagas de titular, garantindo representatividade negra em cargos de gestão na reitoria e no conselho universitário. Se os números já são baixos em relação ao total de docentes negras e negros em nossa universidade, são ainda mais baixos quando se nota a ocupação em cargos de decisão.

Por meio de reserva de vagas para docentes negras e negros e de um fomento à progressão de carreira, poderemos iniciar uma abertura da universidade para um ambiente acadêmico menos hostil às pessoas negras, construindo formas efetivas de combate às múltiplas formas de racismo e discriminação racial, oferecendo representatividade e escuta em relação a estudantes negras e negros e, ao menos, colaborando para uma porcentagem mais equilibrada no corpo docente como se configura na população negra em relação ao Estado de São Paulo e ao Brasil, de um modo geral.

Neste ponto a cor de nossa pele além de servir de marcador social de preconceito, também é referência para os e as ingressantes nos programas de pós-graduação e da graduação, é comum estudantes procurarem docentes em primeiro lugar por afinidade de raça e depois por área do conhecimento.

Devido a este fato os programas de pós graduação além de adotar cotas para ingresso, também devem ter formas de dar suporte as e aos orientadores negros e negras, enfrentando as profundas desigualdes de acesso e permanência destes estudantes promovendo a diversidade num ambiente menos racista, sexista e transfóbico.

No campo da pesquisa é importante estimular a procura e o ingresso de pesquisadoras(es) negras(os) em todas as áreas de conhecimento, especialmente naquelas em que a presença dessas pessoas é pouco representativa, como Exatas e Biológicas, promovendo um tensionamento na FAPESP para que existam editais que considerem a questões raciais, estendendo esta representação as comissões de área.

Também a USP no seu ambiente interno deve promover editais de que fomentem o estudo de questões raciais e participação de docentes negros e negras na graduação, pós-graduação e pesquisa, não concentrando suas ações somente na recém criada PRIP.

Cabe dizer também que este conjunto de reivindicações só pode ser construído com a nossa participação docentes negras e negros desta universidade, ações que visem combate o racismo no interior da universidade devem ter a participação da comunidade negra da USP, que historicamente lutou e luta por uma universidade menos desigual e para todas, todes e todos.

Assim assinam esta carta as e os docentes negras e negros listados abaixo e conta ainda com os apoios que aparecem a seguir de pessoas e instituições.

Axé